

**RETIRADA DAS DOENÇAS: A PRODUÇÃO ESPACIAL EPIDÊMICA DO
CAMBARACÊ À FAZENDA JARDIM****WITHDRAWAL OF DISEASES: THE SPATIAL PRODUCTION OF EPIDEMICS
FROM CAMBARACÊ TO FAZENDA JARDIM****RETRAIT DES MALADIES: LA PRODUCTION SPATIALE DES ÉPIDÉMIES DE
CAMBARACÊ À FAZENDA JARDIM****Eduardo Henrique de Oliveira Lima ¹****Eva Teixeira dos Santos ²**

Resumo: A mítica Retirada vai muito além dos terríveis sofrimentos impostos pela Cólera. Diversas doenças, somadas à hostilidade do Cerrado e Pantanal em suas condições originárias impuseram grande dificuldade à tropa imperial. Esta vivência marcada pela enfermidade reverbera ainda hoje no imaginário coletivo. Afinal, as histórias das vidas estão escritas/inscritas no Espaço vivido. A partir do Espaço vivido brutalmente, o Território Sul-mato-grossense foi sendo construído. A formação territorial do Mato Grosso do Sul tem em seu âmago intensa produção espacial, pois a partir da Retirada da Laguna procurou-se entender como o meio, as intempéries climáticas e as doenças que acometeram a tropa impactaram nas decisões tomadas na guerra, com a identificação de elementos produzidos no Espaço (Cambaracê, Cemitério dos Heróis e Fazenda Jardim). É utilizado o método hipotético-dedutivo como caminho para o desenvolvimento da pesquisa, a partir de pesquisas bibliográficas. Foram realizadas ainda: abordagem das categorias geográficas adotadas, com a discussão do espaço enquanto categoria de análise; identificação das condições ambientais e sua influência na Retirada da Laguna e as principais doenças enfrentadas pelos combatentes, sob a ótica de análise da obra de Taunay. A atual configuração socioeconômica sul-mato-grossense carrega fortíssimos traços delineados nas suas origens mais remotas.

Palavras-chave: Espaço; Território; Doença; Retirada da Laguna.

Abstract: The mythical retreat went far beyond the terrible suffering imposed by cholera. Various diseases, coupled with the hostility of the Cerrado and Pantanal in their original conditions, imposed great hardship on the imperial troops. This experience marked by illness still reverberates today in the collective imagination. After all, life stories are written/inscribed in the lived space. The Territory of Mato Grosso do Sul was built from

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email: dhuardhu@yahoo.com.br. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/0270376051035665>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-1950-8421>.

² Doutora em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro-Oeste pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- Campus de Aquidauana. Email: eva.teixeira@ufms.br. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/1665424997463279>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-3571-6522>.

this brutally lived space. The territorial formation of Mato Grosso do Sul has intense spatial production at its core, since the Retirada da Laguna was the starting point for understanding how the environment, the weather and the diseases that affected the troops had an impact on the decisions made during the war, by identifying elements produced in space (Cambaracê, Cemitério dos Heróis and Fazenda Jardim). The hypothetical-deductive method was used to develop the research, based on bibliographical research. The following were also carried out: an approach to the geographical categories adopted, with a discussion of space as a category of analysis; identification of the environmental conditions and their influence on the Retirada da Laguna and the main diseases faced by the combatants, from the perspective of analysis of Taunay's work. The current socio-economic configuration of the state of Mato Grosso bears strong traces of its earliest origins.

Keywords: Space; Territory; Disease; Retirada da Laguna.

Résumé: La retraite mythique est allée bien au-delà des terribles souffrances imposées par le choléra. Diverses maladies, associées à l'hostilité du Cerrado et du Pantanal dans leurs conditions d'origine, ont imposé de grandes difficultés aux troupes impériales. Cette expérience marquée par la maladie résonne encore aujourd'hui dans l'imaginaire collectif. Après tout, les histoires de vie sont écrites/inscrites dans l'espace vécu. Le territoire du Mato Grosso do Sul a été construit à partir de cet espace brutalement vécu. La formation territoriale du Mato Grosso do Sul repose sur une production spatiale intense, puisque la Retirada da Laguna a été le point de départ pour comprendre comment l'environnement, le climat et les maladies qui affectaient les troupes ont eu un impact sur les décisions prises pendant la guerre, en identifiant les éléments produits dans l'espace (Cambaracê, Cemitério dos Heróis et Fazenda Jardim). La méthode hypothético-déductive a été utilisée pour développer la recherche, sur la base d'une recherche bibliographique. Les points suivants ont également été abordés : approche des catégories géographiques adoptées, avec une discussion sur l'espace en tant que catégorie d'analyse ; identification des conditions environnementales et de leur influence sur la Retirada da Laguna et des principales maladies auxquelles les combattants ont été confrontés, dans la perspective de l'analyse de l'œuvre de Taunay. La configuration socio-économique actuelle du sud du Mato Grosso porte de fortes traces de ses premières origines.

Mots-clés: Espace; Territoire; Maladie; Retirada da Laguna.

Introdução

A Retirada da Laguna é uma jornada épica. Conjugada no presente porque ela permanece viva, seja no imaginário, na cultura, nos monumentos, na História, no espaço. Pode-se dizer que sua trajetória é uma verdadeira odisseia. Odisseia refere-se a uma trajetória épica ou uma longa jornada repleta de aventuras e obstáculos³.

A Retirada é fonte de inspiração deste trabalho. Ele é fruto de mais de sete anos de pesquisa em prol da preservação e divulgação dos Sítios Históricos existente entre os

³ Conceituação baseada na busca pelo verbete odisseia no Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/odisseia/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

municípios de Jardim (MS) e Guia Lopes da Laguna (MS), Sudoeste de Mato Grosso do Sul. Durante este tempo, fui um dos seus guardiões, atuando na gestão cultural da 4ª Companhia de Engenharia de Combate Mecanizada, localizada no primeiro município citado.

A relevância do trabalho está nas seguintes razões: tratar de evento significativo do desenvolvimento do Mato Grosso do Sul e do Brasil, que ainda não possui referências consistentes na Geografia; dar enfoque inédito sobre o evento bélico que marcou todos os povos e nações platinas, cuja memória permeia o imaginário regional há mais de 150 anos; trazer reflexões sobre a produção do Espaço e da formação do Território.

Corrêa (1995, p.18-19) simplifica a discussão: o espaço é, simplesmente, o “receptáculo que apenas contém as coisas”. Este espaço é a categoria *matter*, a partir do qual todas as demais categorias se desenvolvem. Esta categoria é presente desde os primórdios da Geografia. A saúde dialoga bastante com o conceito de Espaço.

A Retirada da Laguna (1867) marca a identidade regional sul-mato-grossense. Foram mais de 3.000 km a pé (Guimarães, 1999) de luta contra às incertezas da guerra, à falta de suprimentos, e tendo como inimiga uma epidemia de Cólera (Taunay, 1874).

Houve uma frequência acima do esperado para um determinado período, com concentração no espaço e no tempo de uma doença (Sinnecker, 1976 *apud* Rezende, 1998), culminando com o abandono de mais de uma centena de coléricos em fase terminal, para que os saudáveis prosseguissem lutando pela vida: o emblemático episódio do Cambaracê (Taunay, 1874). Seguindo este raciocínio, o Espaço seria uma espécie de meio de seleção natural.

Este Espaço em disputa, traz à tona outra categoria, indissociável de qualquer contexto bélico: o Território. Ele “é uma construção conceitual a partir da noção de espaço” (Raffestin, 1993, *apud* Santos, 2009, p.1). É um importante desdobramento do Espaço, viés de análise relevante dentro da Geografia.

O Território se constitui em "campo de forças, as relações de poder espacialmente delimitadas e operando, destarte, sobre um substrato referencial" (Souza, 1995, p. 84). É nele que acontece a disputa, presumindo a existência de dois equivalentes contendores. No Território, este “jogo de pressão” (Mattos, 2011, p.13) seria um fator inerente, a força motriz da produção territorial.

A categoria territorial tem ainda, no seu bojo, o mérito de ser “a base física de sustentação locacional e ecológica, juridicamente institucionalizado do Estado Nacional” (Santos, 2009, p.1). O ente estatal se torna tangível no Território que o enquadra.

Sem ele, o Estado, assim como todos os seus desdobramentos não passam de meras concepções teóricas. “Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional ‘poder político’. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação” (Haesbaert, 2005, p. 6774). Todo e qualquer pedaço de chão em que há disputa pelo controle, dominação e/ou soberania, temos ali o recorte territorial.

Vemos aqui uma categoria transcendental: transita entre o simbolismo e a realidade. O Território é onde se materializa o embate das relações de poder. É a parcela política do Espaço.

O Mato Grosso do Sul foi alvo de sangrentas contendas, há séculos. No transcurso da disputa territorial diferentes “espaços” foram produzidos, de forma peculiar e dramática. As marcas desta trajetória estão materializadas no Espaço, impressas no Território, marcadas no seu próprio povo: mártir das disputas pelo que sempre foi seu.

Desta forma, este artigo teve como objetivo: entender como o meio, as intempéries climáticas e as doenças que acometeram a tropa impactaram nas decisões tomadas na guerra, a partir da identificação de elementos produzidos no Espaço (Cambaracê, Cemitério dos Heróis e Fazenda Jardim), sendo parte integrante da Dissertação intitulada “Análise geohistórica da Retirada da Laguna: principais fatores de influência na produção do espaço”.

Antes de qualquer coisa, é um ato de cidadania promover o pensamento crítico acerca da realidade atual. Para tanto, faz-se necessário conhecer o passado, a partir das mais variadas versões existentes. A atual sociedade sul-mato-grossense carrega em seu imaginário muitas lendas, mitos, ressentimentos e até mesmo preconceitos, originados neste ponto de inflexão do seu desenvolvimento.

Assim, este trabalho parte do pressuposto de que a trajetória da Coluna Camisão⁴ foi influenciada pelo meio inóspito, incluindo as intempéries climáticas e as péssimas condições de higiene, propiciando a ocorrência de doenças, com destaque para a Cólera, desgastando assim as condições físicas e de saúde da tropa.

⁴ A Força Expedicionária também era conhecida como Coluna Camisão (Lima; Silva, 2019).

Para contextualizar a trajetória da Retirada da Laguna na perspectiva geográfica, o trabalho apresenta a seguinte estrutura: discussão do espaço enquanto categoria de análise; identificação das condições ambientais e sua influência na Retirada da Laguna e as principais doenças enfrentadas pelos combatentes, sob a ótica de análise da obra de Taunay (1874).

Espaço enquanto categoria de análise

Hartshorne (1939, p. 395), apresenta, talvez, a categoria mais importante, que englobaria todas as demais, o Espaço: seria “somente um quadro intelectual do fenômeno, um conceito abstrato que não existe em realidade [...] a área, em si própria, está relacionada aos fenômenos dentro dela, somente naquilo que ela os contém em tais e tais localizações”.

Corrêa (2000, p.18-19) simplifica a discussão: coloca o Espaço como o “receptáculo que apenas contém as coisas”. Esta é a categoria *matter*, a partir do qual todas as demais se desenvolvem, presente desde os primórdios da Geografia. A saúde dialoga bastante com o conceito de Espaço.

Dentre as diversas correntes do pensamento geográfico, temos uma que tem a visão mais organicista, amigável a esta interação. A Escola Francesa, que tem em Vidal de La Blache, seu principal expoente, sendo repleta de conceitos que buscam refletir acerca da interface entre a Ciências da Saúde e a Geografia.

Na análise do contexto geográfico-histórico, uma vez que visa facilitar a compreensão da singular interação entre estas duas categorias na conjuntura da Retirada: a partir da disputa territorial, foram sendo produzidos novos “espaços” em função da incidência fatal de enfermidades.

O espaço é o resultado da soma e da síntese, sempre refeita, da paisagem com a sociedade através da espacialidade. A paisagem tem permanência e a espacialidade é um momento (...). A espacialização é sempre o presente, um presente fugindo, enquanto a paisagem é sempre o passado, ainda que recente. O espaço é igual à paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, a vida que palpita conjuntamente com a materialidade (Santos, 1988, p. 26).

A partir desta escolha, surgem como possibilidade examinar: a produção do Espaço/Território no Cambaracê, no Cemitério dos Heróis da Retirada da Laguna (CHRL) e na Fazenda Jardim; a espacialização/Territorialização das doenças; o

Espaço/Território enquanto meio de seleção natural, uma vez que resistem ao tempo e continuam presentes na memória dos moradores.

Por fim, tratando-se de toda subjetividade intrínseca à Retirada, vale trazer à baila a tríade “lefebvrieriana” do Espaço: percebido (praticado); concebido (representado); vivido (simbólico). Vale ressaltar que o “coração” vivido é estranhamente diferente do coração concebido e percebido” (Lefebvre, 1991, p. 40, **tradução nossa**).

O Espaço percebido é concreto, que podemos ver, tocar e compreender. Ele nos é apresentado pelos sentidos (a visão, a audição, o olfato, o paladar e o tato). Sendo assim, as nossas percepções e experiências individuais influenciam a forma como percebemos e utilizamos o Espaço. Somos mais do que meros utilizadores do Espaço, mas também parte integrante dele. As nossas ações e interações contribuem para a sua qualificação (Lefebvre, 1991).

O Espaço, na Retirada, é percebido de forma bastante hostil. As sensações vivenciadas a partir das diversas limitações impostas pelas intempéries naturais, pelas precárias condições sanitárias e pela falta de apoio logístico, são verificadas nos relatos de Taunay (1874). Este Espaço percebido também é conhecido como práticas espaciais. Afinal, são elas que operam a estruturação da vida diária e da realidade (Lefebvre, 1991). A ação antrópica no Espaço afeta diretamente a percepção sobre ele.

Já o Espaço concebido é conhecido como “‘representações do espaço’, sendo que se trata do espaço discursivamente construído pelos profissionais da área, incluindo planeadores, arquitetos, engenheiros, geógrafos, urbanistas e outros especialistas formados” (Jabareen, 2014 *apud* Cordeiro, 2022, p. 77). Esta seria a dimensão espacial administrativa.

Lefebvre define que o Espaço concebido “no seu ‘estado puro’, (...), não tem componentes nem forma. As suas partes são indefinidas e, nesse sentido, assemelha-se à identidade “pura” - ela própria vazia devido ao seu carácter “puramente” formal (1991, p. 297, **tradução nossa**).

“Ou seja, o ‘espaço concebido’ é onde ocorre o planeamento⁵ e gestão por parte da população e que os arquitetos designam como informalidade e a partir daí fazem as suas opções de planeamento, análises para agir no espaço” (Cordeiro, 2022, p. 77).

⁵ Planear é sinônimo de planejar. Logo, planeamento é o mesmo que planejamento, conforme o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/odisseia/>. Acesso em: 08 out. 2023.

Esta dimensão seria o Espaço idealizado pelo aparato burocrático do Estado. “O espaço concebido é inteiramente ideacional, feito de projeções do mundo empírico e de geografias imaginárias” (Jabareen, 2014 *apud ibidem*). Sendo assim, em que pese haver idealizações estatais em relação à Retirada, não há aplicabilidade em relação ao objeto de estudo.

Por fim, Espaço vivido ou representacional é onde a vida acontece de forma concreta e simbólica, onde as pessoas, eminentemente, vivem. Daí emana todo um simbolismo, por conta de todas as experiências, memórias e emoções. É nele que são construídos os vínculos interpessoais. É a interseção entre a experiência e a representação, do tangível e do intangível. É o Espaço onde o real e o imaginário se misturam (Lefebvre, 1991).

As condições ambientais e sua influência na Retirada da Laguna

De que maneira as intempéries climáticas foram limitadoras do avanço da tropa? De que forma o meio inóspito enfrentado, seja no Cerrado nativo ou no Pantanal⁶ influenciou para que decisões controversas fossem tomadas? Taunay relata em diversas obras (1874; 1929; 1930) todas as limitações impostas aos combatentes.

Rousseau (2011) apresenta o conceito de que o homem é influenciado pelo meio em que está inserido. É fato que os comandados do Coronel Camisão tiveram de enfrentar as agruras da guerra sem o apoio logístico necessário. Somado a isso, temos uma tropa de forasteiros, desacostumada ao clima hostil do sertão mato-grossense (Taunay, 1874).

Neste contexto serão pontuados: o calor, os insetos, as enxurradas, os raios e a fome. Inimigos que somados às doenças forjaram a constância e o valor do soldado brasileiro. Atributos atestados pelo Major José Thomaz Gonçalves, ao fim da Retirada da Laguna, consoante Ordem do Dia relatada na obra homônima (*ibidem*).

O calor e o frio: amplitude térmica

Quem vive no Mato Grosso do Sul é testemunha das bruscas variações térmicas incidentes neste recorte. “Succedia quasi todos os dias que o sol, fraco de manhã apoz noites glaciaes, abria depois com ardor sufocante, variação perenne que acabava de arruinar a saúde de todos. (...) Morríamos de frio (...)” (Taunay, 1874, p. 158-159).

⁶ Segundo o mestre Ab’Saber, o Cerrado é considerado um domínio morfoclimático, enquanto o Pantanal seria uma área de transição (De Oliveira Silva; Ab’Saber, 2012).

Trata-se do fenômeno da continentalidade, que “está relacionado com o afastamento das regiões do mar, pois quanto maior a distância da localidade em relação ao mar, menos recebe umidade oriunda do oceano (...)” (Martins, 2022, p.20). Comprovadamente, a umidade é um dos elementos que influencia na temperatura.

“Sobre o continente ocorre um aquecimento e um resfriamento mais rápido, em comparação com os oceanos, gerando grandes contrastes de temperatura, menor umidade do ar e pouca precipitação” (*ibidem*). Quanto mais afastado do litoral, maiores serão os efeitos da continentalidade. Porém existem outros fatores envolvidos no processo.

A “variação da temperatura é motivada pelo balanço de energia na superfície. Fatores como irradiância solar, nebulosidade, atuação eólica, umidade atmosférica e relevo exercem influência sobre a temperatura” (Muniz; Caracristi, 2021, p. 2).

O relevo, em especial do atual Sudoeste do Mato Grosso do Sul, apresenta baixa amplitude altimétrica. Se tomarmos novamente como recorte a Sub Bacia Hidrográfica do Miranda, encontramos variações “dos 100 aos 300m de altitude” (Leite *et al*, 2021, p. 21).

Sendo assim, as massas de ar não encontram como fator perturbador a “orografia (altitude e declividade)” (Santos *et al*, 2018, p. 2), podendo chegar, sair, ou mesmo dispersar-se, sem maiores dificuldades. Dessa forma, podemos compreender essas grandes variações térmicas experimentadas por Taunay e seus companheiros. Porém esta é apenas uma das diversas adversidades enfrentadas pelos expedicionários.

Os insetos

Na primeira passagem da Coluna pelas margens do Rio Aquidauana, antes de sua marcha até o Norte do Paraguai, a ela foi apresentado mais um inimigo. A localidade situada na porção meridional do Pantanal, é plena de terrenos alagadiços, *habitat* de insetos aquáticos. Vale ressaltar que a “inundação também propicia o desenvolvimento de ricas comunidades de insetos aquáticos associadas às macrófitas aquáticas que servem de alimento aos peixes” (Resende, 2008, p.11).

A localidade é espacializada em uma faixa de contato entre o Pantanal e o Cerrado, configurando um ecótono⁷. Tal conjuntura implica na “existência de uma área com

⁷ Consiste em “uma zona de transição entre sistemas ecológicos adjacentes com uma série de características definidas exclusivamente por escalas espaciais e temporais e pela intensidade das interações entre sistemas ecológicos adjacentes” (Milan; Moro, 2016, p. 80).

valores intermediários para diversos parâmetros ambientais (...). O que, (...), pode gerar um aumento na biodiversidade, dado o fato dessas áreas apresentarem representantes de fauna e flora dos dois ecossistemas” (...) (Algarve *et al.*, 2020, p. 72).

O relato de 22 de fevereiro de 1866, corrobora acerca da extensa plêiade de insetos nesta localidade. Em pleno aniversário de Taunay (1929), ele e seus companheiros tiveram “que passar uma noite trepados nas arvores e sujeitos a mosquitos em quantidade medonha. Ah! que ferroadas dos pernilongos de cervo (...). Os nossos animaes desesperados com a tal mosquitada, romperam peas e cordas e dispararam para traz” (*ibidem*, p. 15).

Em 11 de junho de 1867, a Força Expedicionária chega ao Porto do Canuto, atual Anastácio, de volta aos arredores por onde já havia passado. Os “anfitriões”, mais uma vez, não pouparam os sobreviventes, como atesta Taunay. “Ahi despimos emfim os míseros andrajos que nos cobriam, libertando-nos ao mesmo tempo desses insectos dos campos que penetram na pelle e nella produzem ulceras tenazes” (1874, p. 225).

Outra implicação deste ambiente favorável à proliferação de insetos, é a existência de numeroso efetivo de possíveis vetores de doença, como carrapatos, moscas e pulgas⁸. Esta foi mais uma das mais cruéis barreiras à empreitada da tropa.

As enxurradas

Ao referir-se às enxurradas, Taunay descreve fortes chuvas enfrentadas no SMT (Sul da Província do Mato Grosso). Cada chuva que cai é resultado de “um processo de transformação físico-químico da água gerado pela dinâmica existente entre os oceanos, a atmosfera e o continente, tornando-se um dos elementos climáticos mais importantes para o desenvolvimento e perpetuação da vida” (Muniz; Caracristi, 2021, p. 1).

Apesar da água ser elemento fundamental da perpetuação da vida, sua incidência excessiva tende a causar problemas, sobretudo em um efetivo bastante fragilizado em sua imunidade, por conta de todo o sofrimento inerente. Por ocasião da incidência de fortes chuvas, o clima tropical da região tem suas altas temperaturas arrefecidas pela pluviosidade, ainda que momentaneamente.

“As enxurradas das tardes cahem grossas, pesadas; não são aguas que reguem; antes torrentes, que se despejam caudalosas, rasgam fundos sulcos nos terrenos e somem-

⁸ Inclusive, a região tem como uma de suas alcunhas o seguinte: Campo Erê. “Significa ‘campo da pulga ou do bicho de pé’” (D. Angelis *apud* Brazil, 2017, p. 19).

se de subitito, como sorvidas por sedento trago. Refrigeram tão somente por poucas horas a temperatura (...). (Taunay, 1930, p. 50). Chuvas nessa proporção não eram esperadas pela tropa.

Ocorre que Miranda, assim como Aquidauana, é abrangida pelo subclima tropical de monções, segundo o modelo de Köppen. Esta “caracteriza-se por apresentar duas temporadas bem definidas, a quente e chuvosa com outra mais amena e seca” (Peel *et al*, 2007; Alvares *et al*, 2013 *apud* Borges *et al*, 2022, p. 3156).

Por ignorarem este detalhe climático, enfrentaram o Pantanal em Miranda na época de grandiosa pluviosidade, em período que julgavam ser de seca.

A estação de Abril a Setembro não é a das chuvas (...) os aguaceiros desde o dia 13 tinham sido taes que o Miranda crescera- de modo assustador, bramindo e espumando nas raizes descobertas das arvores da margem, e não dava esperança de se lhe poder descobrir um vau sinão muitos dias depois: era entretanto o único meio que a columna tinha para passar (Taunay, 1874, p. 187).

As enxurradas, em consonância com o que será visto adiante, ainda seriam obstáculos à Força Expedicionária novamente no episódio da travessia do Rio Miranda. A questão hidrológica teve, inclusive, influência direta para o surgimento de um simples cemitério, no sertão do SMT, que entraria, no futuro, para a eternidade.

Raios durante temporal

Popularmente denominados como raios e relâmpagos, as “descargas elétricas atmosféricas (...) são fenômenos meteorológicos recorrentes na região tropical. (...) são resultados de processos que transportam enormes quantidades de elétrons a cerca de um terço da velocidade da luz em frações de segundo” (Paulucci, 2017, p.13).

Após a incidência das fortes chuvas, é comum, ainda hoje, a observação de descargas elétricas. Elas constituíram mais um perigoso adversário, dentre os vários experimentados no hostil no Teatro de Operações do SMT.

“Os raios normalmente ocorrem durante tempestades com chuvas e ventos intensos em nuvens denominadas de Cumulusnimbus (...). Portanto, regiões com maior ocorrência de tempestades são as com grande atividade elétrica” (*ibidem*, p.13).

A combinação do relevo, hidrografia local, clima tropical além de períodos chuvosos e de seca bem definidos⁹, formam um cenário favorável para uma maior incidência de descargas elétricas (Barretto; Novais; Barbosa, 2021).

As quatro peças de Artilharia de posse da Coluna Camisão, fora os demais armamentos de dotação pessoal, formavam um verdadeiro arsenal de “para-raios”. Mortes foram contabilizadas em função deste terrível fenômeno natural.

As quatro horas, tudo escureceu de momento, como que por imposição. (...) Bem no meio do nosso acampamento caíam os raios, atraídos pelas peças de artilharia; fulminavam soldados e com os contrachosques derrubavam-nos por terra, embora sentados e encolhidos debaixo do capote varado pela chuva. Não houve toldo, abrigo que aguentasse, quando madeiros alentados eram torcidos pela mão possante do vendaval, sacudidos de terra, arrancados e atirados ao longe como leves projectis. Tudo voou pelos ares (Taunay, 1930, p. 65-66).

Era inviável, abandonar, ainda que momentaneamente, tanto os canhões como os armamentos. Diante do implacável *modus operandi* que qualquer inimigo adota em contexto bélico, não existe perdão para o menor indício de desguarnecimento do seu oponente.

Por fim, nesta marcha descritiva no cenário dantesco dos fatores limitadores das ações da Força Expedicionária, a miséria alimentar é a última a ser relatada. Longe de ser a menos importante. Seguramente, um fator dentre os mais fatais.

A fome

A carestia, por razões óbvias, é um limitador das ações humanas, sobretudo no contexto de uma guerra. Tanto é que é perpetuada a seguinte máxima, atribuída a Napoleão Bonaparte: “um exército é uma criatura que marcha sobre seu estômago” (Daróz, 2012, p. 44).

Uma tropa mal alimentada, naturalmente, tem arrefecido o seu ímpeto, diminuindo, por conseguinte, a impulsão da manobra em execução. Daí a condição de quase inércia notada em alguns momentos. “A marcha foi lenta; a demora dependia de muitas causas, e principalmente da dificuldade de fornecimento de viveres” (Taunay, 1874, p. 12).

⁹ “Depois de prolongada sêcca costuma, já o dissemos, transformar-se a trovoada em temporal. (...) Era a 4 de Maio de 1867” (Taunay, 1930, p. 63).

No percurso de vinda, desde Goiás, o Comando buscava apoio junto às autoridades locais por onde passavam, em prol da obtenção de alimentos. Aconteceram, inclusive, deserções em função de tamanha escassez (Esselin; Fernandes, 2017).

A fome impactou decisivamente a Força Expedicionária. “Se não fosse esta continua imminência de fome, dizia a todos o Comandante-, eu marcharia já para o Apa, ocupava o forte de Bella Vista e all’i ficaria a observar os acontecimentos” (Taunay, 1929, p.52).

A tropa imperial foi vítima de grandiosa negligência logística por parte do Império. Restava à tropa buscar obter alimento por onde passavam. Porém, a estratégia conhecida como terra arrasada era outro artifício a contribuir com a inanição da Coluna Camisão (Esselin; Fernandes, 2017).

Qualquer tipo de alimento, seja de origem animal ou vegetal era levado ou inviabilizado o seu consumo pelos paraguaios. Nem mesmo as crianças eram poupadas pelo flagelo da fome. “Outra criança de peito pereceu de inanição, tendo passado da mãe moribunda para o marido, e deste para os camaradas do mesmo batalhão, eles também sem alimento algum” (Taunay, 1874, p. 169).

Da mesma forma que anos antes, “um esfomeado exército napoleônico entra em 14 de setembro numa Moscou em chamas” (Magnoli, 2006, p. 209), uma famélica Força Expedicionária atravessa os banhados pantaneiros e a aridez dos Cerrados. Fragilizada em sua saúde, desnutrida, tornou-se presa fácil para diversas enfermidades.

Principais doenças enfrentadas

O evento conhecido como Retirada da Laguna, poderia perfeitamente ser chamado de Retirada das Doenças, afinal elas foram determinantes para os rumos deste episódio. A presença de enfermidades e pestes no Teatro de Operações passa longe de ser obra do acaso. São causas: condições extremas; exposição ao clima, falta de remédios; carestia de alimentos; cadáveres insepultos; péssimas condições de higiene.

A Retirada é pródiga em exemplos de aspectos epidemiológicos que limitaram/condicionaram seus desdobramentos. A seguir pontuamos as doenças que foram determinantes para a produção espacial e formação territorial do meridião da Província. O SMT nunca mais seria o mesmo após a fatídica passagem das tropas.

Começamos pela Varíola, introduzida “em território brasileiro ocorreu com os primeiros colonizadores e escravos no século XVI, e a primeira epidemia registrada data

de 1563, na ilha de Itaparica, na Bahia, de onde se disseminou para o resto do país” (Dourado, 2014, p. 141).

Os sintomas iniciais “são: mal-estar, forte cefaleia, dor na lombar e febre elevada (...). No Brasil, amostras do patógeno chegaram no ano de 1840, e delas foram desenvolvidas as vacinas, utilizadas inicialmente para a imunização de famílias nobres” (Rodrigues, 2021, p. 26-27).

No SMT, a doença apareceu primeiramente em Corumbá, contaminando primeiramente a população local, além dos paraguaios (Marin; Squinelo, 2019), que controlavam a cidade desde o início da guerra (Taunay, 1874).

A partir daí, “os militares brasileiros foram contaminados, e, devido à falta de hospitais, medicamentos e tratamento adequado, a doença acabou se espalhando por toda a província” (Marin; Squinelo, 2019, p. 99). Na Retirada, a “cruel epidemia de varíola” (Taunay, 1874, p.11) impediu o engrossamento das Forças Expedicionárias, durante o ano de 1867 (Queiroz, 2009).

O caos sanitário foi tão grande que as escolas e as casas dos populares precisaram ser transformadas, emergencialmente, em hospitais. É estimado que 12000 pessoas morreram durante a guerra em decorrência da Varíola (Marin; Squinelo, 2019).

O desastre só não foi ainda maior por conta da importante medida preventiva tomada em relação à tropa, em Coxim, em 26 de maio de 1866. “Todas as praças do Batalhão de Caçadores e da Companhia de Voluntários da Pátria, e os do esquadrão de cavalaria foram vacinados antes da partida, o que era raro” (Dourado, 2014, p. 138).

Outra enfermidade de destaque foi a Beribéri. Seu surgimento no meio da Força Expedicionária é relatado por Taunay (1927, p. 89). “Começou então a aparecer um mal (...) que atacava de diversos modos, mas sempre grave, senão mortal logo, ora perfida e lentamente, ora de chofre, com os symptomas mais aterradores e cruéis, trazendo paralyisias mais ou menos generalizadas”.

Tem como causa o déficit da vitamina B1, conhecida também como tiamina. Pode ser encontrada no trigo, no amendoim e no arroz (Collie *et al*, 2017). São sintomas: dificuldade de memória, problemas na respiração, perda de apetite, mal estar, fraqueza muscular, cansaço e insônia. Em casos particulares pode haver taquicardia, sendo observado aumento da área cardíaca (Ferreira *et al*, 2020).

“A’s vezes o doente accusava formigamentos nas plantas dos pés e dificuldade na locomoção, sentindo de dia agravarem-se esses signaes (...) outras, tudo isso se

atropelava e em breves horas fallecia quem pouco antes, se mostrara forte e são” (Taunay, 1867, p. 89-90). Foi o que aconteceu com o Coronel José Antônio da Fonseca Galvão, um dos primeiros comandantes da tropa. Ele morre em decorrência da “paralisia reflexa, ou beribéri” (Taunay, 2006, p. 49), nas margens do Rio Negro, nas imediações da atual Aquidauana.

Prosseguindo, é preciso fazer o registro também da Malária. Consiste em “uma doença infecciosa febril aguda, cujos agentes etiológicos são protozoários do gênero *Plasmodium* transmitidos pelo mosquito *Anopheles*” (Azevedo *et al*, 2020, p. 3).

Na Retirada, as baixas chegaram, aproximadamente, a uma média de 400 mortes por dia (Dourado, 2014). Nem mesmo o apoio de Saúde foi poupado pela doença. “O pessoal do nosso corpo de saúde fora muito perseguido pelas febres paludosas¹⁰ de Miranda; muitos dos seus membros tinham-nos deixado (...)”, relatou Taunay, em maio de 1867 (1874, p. 105).

Dados atuais indicam que a incidência da Malária tende a se concentrar nas Unidades da Federação que apresenta o bioma amazônico, tais como: Tocantins; Roraima; Rondônia; Pará; Mato Grosso; Maranhão; Amazonas; Amapá; Acre¹¹.

Sendo assim podemos questionar: de que forma ocorreu este surto¹² em meio ao Cerrado e ao Pantanal? Um detalhe que pode passar despercebido é que a Artilharia que integrou a Coluna Camisão veio do Amazonas (Vianna, 1938).

É factível que estes militares tenham vindo para o SMT já tendo a inoculação do protozoário em suas correntes sanguíneas. Como os sintomas podem se manifestar em até trinta e cinco dias, é possível que já integrados ao restante da tropa, terem passado adiante a doença. A partir do momento em que alguma espécie de mosquito tenha picado alguém infectado pela Malária, a doença pode ter se disseminado de forma tão fatal e incomum.

Por fim, temos a Cólera, protagonista da Retirada da Laguna. Na primeira versão do livro homônimo (1874), o termo “cholera” aparece 15 vezes. Já o termo “cholericos” aparece 11 vezes. Além disso, dois “espaços” produzidos pela Coluna Camisão, têm ligação íntima com a doença (a Mata do Cambaracê e o Cemitério dos Heróis, em Jardim/MS).

¹⁰ Nesse período a malária era conhecida por “febres paludosas” “ou febres palustres” (Silva, 2020, p. 101).

¹¹ Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/m/malaria>. Acesso em: 23 dez. 2022.

¹² “O surto de uma doença acontece quando há um aumento brusco de casos em uma determinada região específica” (Silva, 2022, p. 29).

“A cólera é uma patologia causada pela enterotoxina produzida pela bactéria *Vibrio cholerae*” (...) (De Almeida Vaz; Chamma; Alves, 2018). Este tipo de organismo minúsculo foi o inimigo mais duro que a tropa imperial enfrentou (Taunay, 1874).

A Cólera é transmitida pelas fezes. Os sintomas iniciam-se com diarreia. Podem ser causadas ainda: arritmias cardíacas, câimbras, choque e hipotensão (De Almeida Vaz; Chamma; Alves, 2018). “O principal tratamento para a cólera é a reposição hidroeletrólítica que pode ser feita através do preparo de solução de reidratação oral e atualmente existem vacinas indicadas para áreas endêmicas ou que estão com surto epidêmico” (*ibidem*, p.46).

Taunay deixa evidente que, à época, pensava-se que restringir o consumo de água aos doentes, era o mais adequado para evitar a propagação da Cólera (1874). “A terapêutica hoje é fundamentalmente dirigida contra a desidratação” (Dourado, 2014, p. 132).

A disseminação da Cólera está muito ligada às condições dos efluentes. “No período colonial, ações de saneamento eram feitas de forma individual, resumindo-se à drenagem de terrenos e instalação de chafarizes. A partir dos anos 1940, se iniciou a comercialização dos serviços de saneamento” (*ibidem*, p. 24). Sendo assim, era natural que quando a pandemia de Cólera ao chegar no Brasil, grassasse todo o país.

Na Guerra da Tríplice Aliança, a Cólera foi a enfermidade que acarretou mais “vítimas entre os combatentes (...). Embora decorridos dez anos da terrível epidemia de cólera na Bahia, (...) a burocracia e a Medicina ainda não haviam alcançado avanços significativos (...)” (Dourado, 2014, p. 132).

“A água foi fonte de constantes problemas durante a época da Guerra do Paraguai, tanto na corte como em toda a região em que se desenvolveram os conflitos, pois não havia um controle eficaz sobre sua qualidade” (Dourado, 2014, p.120). Se a logística como um todo já foi bastante precária durante a expedição, o suprimento hídrico foi mais um triste desdobramento.

A epidemia de Cólera se desenvolve na província mato-grossense em 1867 (Queiroz, 2009). Ou seja, a tropa brasileira configurou-se como foco antropofúrgico da doença ao longo de sua trajetória. O Espaço/Território da Retirada é fruto da “transformação do espaço de circulação de agentes de doença pela ação humana” (Vieites, 2008, p. 31).

Nem mesmo os indígenas foram poupados. “O cholera fez nesse dia nove victimas: mais do duplo deste numero foi atacado, e entre elles o chefe dos terenas, Francisco das Chagas, a quem os seus tinham trazido moribundo em uma rede” (Taunay, 1874, p. 163).

Este recorte transformado pela Coluna Camisão, da forma mais trágica possível, consubstanciou-se em foco natural de doenças: todas as condições naturais e humanas envolvidas reforçavam-se mutuamente em prol da progressão contínua deste desastre sanitário.

Esta produção trágica do Espaço através do Território alcançaria seus momentos mais tenebrosos. “O continuo estrebuchar dos agonisantes tornava horrivelmente penosa a tarefa, sob o peso da qual a nossa gente fatigada punha-se também de repente, como á porfia com os cholericos, a soltar gritos selvagens de impaciência (...)” (*ibidem*, p. 168).

Enfim, podemos observar que as condições de saúde e doença na Retirada estabeleceram a diferenciação do Espaço em sua condição originária, em diferentes “espaços”. Daí podemos atestar ser o Espaço esse “conjunto de formas que, num determinado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (Santos, 2017, p. 103).

Uma natureza não mais intocada, cênica, idealizada. Patogênica, base material da produção espacial peculiar efetuada pelos mártires da Retirada da Laguna. Se formos elencar os protagonistas deste evento, as doenças jamais podem ser consideradas coadjuvantes.

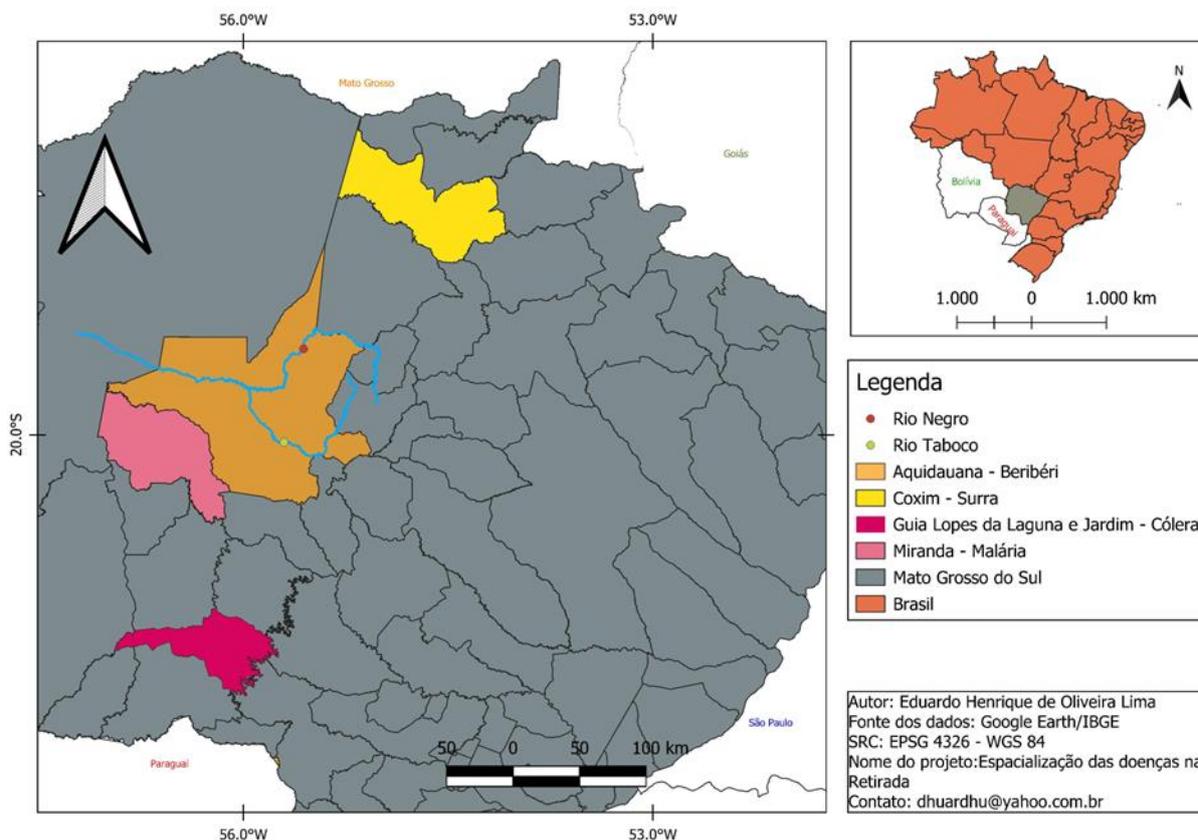
Diante do exposto, temos elementos para reconhecer na Retirada uma produção espacial epidêmica. A Retirada da Laguna é inovadora na perspectiva de estabelecer um processo de produção espacial epidêmica: tendo como base a propagação de doenças, especialmente a Cólera. É intrigante observarmos este fenômeno que marca este evento tão peculiar no contexto da Guerra da Tríplice Aliança, que é a jornada da Força Expedicionária ao SMT.

Podemos aqui voltar ao conceito de poder simbólico: aquele que tem o “poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo” (Bourdieu, 1989, p.14).

Por mais simbólica, subjetiva, transcendental que possa parecer, a produção espacial epidêmica é efetivada no Espaço do SMT. Existem sítios históricos fundamentais

para a compreensão da Retirada da Laguna, que possuem profunda relação com a doença, mais especificamente, a Cólera, como pode se observar na Figura 1¹³.

Figura 1. Espacialização das doenças na Retirada da Laguna.



Fonte: autor.

A começar por Coxim, onde houve a Surra, que dizimou a cavalaria da tropa imperial. A partir daí, a mobilidade dos expedicionários ficou gravemente prejudicada. Ademais, a galaria foi sobrecarregada em virtude da ausência dos cavalos.

Os equinos, durante a guerra, eram usados para transportar além de pessoas, cargas leves, como alimentos, água e alguns doentes. O gado que já tinha a responsabilidade de condução das carretas, arrastando por distâncias colossais canhões, além de toda a sorte de materiais não suportados pelos cavalos, foram onerados ainda mais. Além da Cavalaria ter ficado a pé, literalmente, os bois foram majorados em seu sofrimento (Taunay, 1874).

¹³ Não foi incluída a incidência de Varíola pelo fato de que ela ocorreu no momento em que a Força Expedicionária, estava ainda em formação. Era um período anterior a janeiro de 1867 com a tropa se deslocando entre São Paulo e Minas Gerais. Dessa forma, encontrava-se fora tanto do recorte espacial bem como do recorte temporal adotado.

Entre os rios Negro e Taboco, no atual município de Aquidauana, tivemos a Beribéri, que ceifou a vida do então comandante da Força Expedicionária. Em Miranda temos uma doença exótica, estranha ao SMT. Porém, é provável que a Malária já tenha sido inoculada a partir da origem dos artilheiros que trouxeram os canhões do Amazonas. A média assustadora de quatro centenas de mortes diárias pode ser explicada pelo ambiente úmido conjugado às altas temperaturas, condições favoráveis à proliferação de insetos, panorama característico do Espaço amazônico. Tudo isso já apontado ao longo do trabalho.

Entre Jardim (MS) e Guia Lopes da Laguna (MS), entre o Cambaracê, o Cemitério dos Heróis e a sede original da Fazenda Jardim tivemos a Cólera materializada de forma tangível e intangível. É fato que o primeiro caso da doença ser registrado ainda em 10 de maio, nas imediações de Bela Vista, em consonância com o apontado anteriormente. Porém, foi nas terras de José Francisco Lopes que o *cholera morbus* foi eternizado pelo seu auge mortífero e seu fim nos laranjais irrigados pelo Rio Miranda.

Sendo assim, ficam evidentes algumas questões. Em primeiro lugar, a variedade do dimensionamento através da qual a produção espacial se manifesta. Isto porque o “termo ‘produção’ é suficientemente amplo e plástico para comportar essa multiplicidade de dimensões” (Souza, 2013, p. 41).

Em segundo lugar, a trajetória da Coluna Camisão foi limitada/condicionada pelas conjunturas de saúde e doença. Diferentes pontos do deslocamento foram marcados pela incidência de doenças, deveras favorecida pelas péssimas condições sanitárias da tropa. Concomitante, o deslocamento da tropa contribuiu para a propagação de doenças, com destaque para a Cólera.

A seguir, podemos destacar que o meio inóspito enfrentado (terreno), seja no Cerrado nativo ou no Pantanal, influenciou para que decisões controversas fossem tomadas. As grandiosas baixas em uma tropa em retirada, em um ambiente tão hostil foi determinante para a ocorrência do Cambaracê.

Por fim, as intempéries climáticas foram limitadoras do avanço da tropa. A existência do Cemitério dos Heróis enquanto “espaço” produzido pela Retirada é devida às fortes chuvas que detiveram por cinco dias uma tropa ávida pela transposição do curso d’água do Miranda. Este é apenas um exemplo. Poderíamos citar as diversas queixas de Taunay ao microclima de Miranda, ou as bruscas variações térmicas no SMT.

Transcendendo o itinerário representado na Figura 1, a espacialização das doenças em “espaços” como Cambaracê, o CHRL e a antiga sede da Fazenda Jardim, faz com que a produção destes seja perpétua. Um fenômeno evidenciado por quem trilhou estes caminhos.

A cada revitalização, a cada visita, a cada pesquisa, a cada aula, a cada evento, a cada trecho da tradição oral passado adiante, os acontecimentos ali ocorridos revigoram estes “espaços” produzidos, atualizam seus simbolismos.

Por outro lado, estes possuem diferentes significados, concretizados a partir da visão que cada pessoa atribui. Cada um, através de sua cosmovisão e a depender do seu nível de identificação com cada um destes sítios históricos, terá moldada e modulada sua relação simbólica com estes.

Daí, podemos inferir que, concomitantemente, a “produção do espaço pode se referir tanto à sua (re)produção, (...), quanto à emergência de novas significações, novas formas e novas práticas (...)” (Souza, 2013, p. 42). Ambos os processos se retroalimentam, reforçam-se, materializando a marcha inexorável destes “espaços” há mais de 150 anos.

Todo este simbolismo tem gênese em uma produção espacial epidêmica: a doença é determinante na produção de novos “espaços”, a partir de seus fluxos e fixos simbólicos ou tangíveis. Este protagonismo da doença enquanto produtora do Espaço é efetivo, pelo fato de que os “atores são assim chamados na medida em que agem, não sendo necessariamente um indivíduo” (Vanacor, 2020, p. 20). O Cambaracê, o CHRL e a sede da Fazenda Jardim, foram produzidos em decorrência da ação patogênica.

No caso do abandono dos coléricos na Mata do Cambaracê, com mais de uma centena de coléricos e a perspectiva da continuidade da disseminação da doença, uma decisão pelo abandono dos doentes precisava ser analisada. Chegando-se à conclusão que ao abandonar aqueles que se encontravam em condições terminais daria chance de sobrevivência aos ainda saudáveis (Taunay, 1874), aquele recorte espacial foi apropriado. Assim foi produzido o “espaço” do Cambaracê.

No caso do CHRL, a tropa fica detida junto à margem esquerda do Rio Miranda, em ponto oposto à então sede da Fazenda Jardim, durante cinco dias, por conta de fortes chuvas que elevaram o nível do leito e provocaram fortíssima correnteza. A transposição do curso d’água pela tropa, em um primeiro momento, foi inviabilizada por questões climáticas e hidrológicas (*ibidem*). No entanto, aquele recorte do Espaço se tornou o

Cemitério, pela tríade que tombou por conta da doença. Mais uma vez a doença determinando a produção espacial.

Por fim, a então sede da Fazenda Jardim, também teve no patógeno o fator determinante. Ainda que a intenção do Guia Lopes fosse alcançar a sede da sua propriedade, na esperança de obter algum refrigerio, não havia muito a se encontrar. Os paraguaios já haviam levado toda e qualquer espécie de suprimento a ser aproveitado pela Força (Taunay, 1874).

Os laranjais foram os únicos atrativos poupados pelos inimigos. Os sobreviventes, ainda impactados pela Cólera, recobram suas forças ao consumir as laranjas. Estas eram “devoradas com casca e tudo, tal era a fome e sede (...). A sua maturidade e doçura convidavam além disso ao abuso pelo que o principio medicinal, que reside na essência da fructa obrou mais eficazmente: a epidemia diminuiu, e quasi cessou” (*ibidem*, p. 196).

Ou seja, estes três “espaços” perfazem uma dimensão peculiar da produção espacial: a espacialização epidêmica. A epidemia de Cólera os produziu, sendo que seus significados transcendem o próprio Espaço e o Tempo. Estes recortes perpetuam-se por conta da envergadura de suas relevâncias para a identidade sul-mato-grossense até os dias de hoje.

Considerações finais

A Retirada da Laguna é simbólica por natureza. Seu horizonte de sentido é amplo, repleto de significados: seja como uma contingência da Guerra da Tríplice Aliança, bem como evento da produção do Espaço através/ a partir do Território Sul-mato-grossense e nacional.

O meio inóspito influenciou para que decisões controversas fossem tomadas, sendo seu exemplo maior o Cambaracê. O altíssimo custo cobrado pela Cólera aos ainda saudáveis para a manutenção do impulso da manobra ficou insustentável. Prosseguir daquela forma significaria a morte: pela Cólera ou pela lança paraguaia. Daí, a opção pelo abandono foi considerada viável.

Este Território banhado pelo sangue de tantos, combatentes e civis, voluntários e agrilhoados; brancos, negros e indígenas, é testemunha de um fato: a propagação de doenças, em especial da Cólera, em função do deslocamento da Coluna Camisão. Ainda que de forma involuntária, o Mato Grosso do Sul, assim como todo o restante do Teatro

de Operações, viveu uma guerra biológica. Afinal, vírus, bactérias, fungos e parasitas, foram verdadeiras armas contra todos os envolvidos.

Se já era dificultada a mobilidade nos caminhos conhecidos, com a opção pelos caminhos desafiados mata adentro, em decorrência da perseguição empreendida pelos paraguaios, o Cerrado nativo impôs ainda maiores sacrifícios à Coluna. O próprio Pantanal, mais especificamente na altura de Miranda, foi causa de muitas reclamações de Taunay, consignadas em sua obra.

A epidemia de Cólera, que devastou o Teatro de Operações da Guerra da Tríplice Aliança, produziu “espaços” através/a partir dos rumos percorridos pela Coluna Camisão no SMT. Daí, infere-se um outro conceito: o materialismo sanitário.

Influenciado por todas limitações e sofrimento impostos pela Cólera, majoritariamente, além de outras doenças. Enfim, caso fosse necessário resumir a Retirada em poucas palavras, poderíamos defini-la como esforço hercúleo pela vida. Isso porque a plêiade de doenças, capitaneada pela Cólera, age como verdadeiro ator sintagmático.

Ao se apropriar do Espaço, a doença se apropriou também das vidas espacializadas ali. Paralelamente à produção epidêmica espacial abordada ao longo do trabalho, temos verdadeira soberania da enfermidade sobre o Território multiescalar: a Territorialização das doenças.

O Espaço Vivido, vivenciado, ressignificado, simbólico no Território em disputa, é muito mais real do que se pode imaginar. Guerras em andamento no mundo atual nos mostram que os mais diversos vínculos, presentes ou pretéritos, atuais ou resgatados conforme conveniências de momento, são muito significativos no tabuleiro da Geopolítica mundial.

Cada vivência espacial projetada no Território produz uma territorialidade: a identidade do seu povo territorializado. Se a Guerra da Tríplice Aliança traduz, em grande parte, a essência dos povos platinos, a Retirada traz muito da identidade do povo sul-mato-grossense.

Este trabalho, em parte, é um tributo a todo o legado geohistórico da Retirada. Esta é patrimônio do povo do Mato Grosso do Sul. Este, por sua vez, é patrimônio da Retirada. Patrimônios um do outro, validando-se, conferindo-se, mutuamente, peculiaridades. Da mesma forma, que o Espaço Vivido imprime suas marcas no Território, as Territorialidades.

Estas Territorialidades da Retirada, sul-mato-grossenses em seu bojo, congregam as mais diversas vivências pretéritas e contemporâneas. Constroem um Espaço Vivido que é, simultaneamente, fugaz e ao mesmo tempo permanente, perpetuando-se a cada novo instante, a cada nova lembrança dessa verdadeira odisseia dos sertões sul-mato-grossenses.

Referências

ALGARVE, Bruna Barba; SANTOS, Fabiana de Abreu dos; FREIRE, Luciane Gomes; MELO, Silvia Thais Pereira de; LIMA, Tatiane do Nascimento. Efeito da Sazonalidade em Área de Ecótono Cerrado e Pantanal na Abundância de Insetos. **Revista Pantaneira**, V. 17, UFMS, Aquidauana-MS, 2020.

AZEVEDO, Suellen Alves de; BRAGA, Geovania Maria Silva; ABREU, Dailson Coelho; BARRETTO, Ubiraci Alves Muniz; NOVAIS, Renato Lima; BARBOSA, Frederico Jorge Ribeiro. Uma análise visual da espacialização das descargas elétricas atmosféricas e do comportamento das mortes causadas por raios no estado da Bahia. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 14, n. 04, p. 1909-1923, 2021.

BORGES, Pedro Hurtado de M.; CAVALCANTE, Charles Esteffan; MORAIS; Pedro Hurtado de M.; MENDOZA, Zaíra Morais dos Santos H. de. Demanda e disponibilidade hídrica para a pecuária na microrregião de Aripuanã, Mato Grosso, Brasil: Water demand and availability for livestock in the microregion of Aripuanã, Mato Grosso, Brazil. **Brazilian Journal of Animal and Environmental Research**, v. 5, n. 3, p. 3153-3170, 2022.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa e Rio de Janeiro: Difel e Bertrand Brasil, 1989.

BRAZIL, Maria do Carmo. A invenção dos Campos de Erê. *In*: BRAZIL, Maria do Carmo; DOURADO, Maria Teresa Garritano; CANCIAN, Elaine. (Orgs.). **Campos de Erê: estudos sobre a formação do ambiente rural no Sul de Mato Grosso (1829-1892)**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2017.

COLLIE, Jake T.B; GREAVES, Ronda F.; JONES, Oliver A. H.; LAM, Que; EASTWOOD, Glenn M.; BELLOMO, Rinaldo. Vitamin B1 in critically ill patients: needs and challenges. **Clinical Chemistry and Laboratory Medicine (CCLM)**, v. 55, n. 11, p. 1652-1668, 2017.

CORDEIRO, Inês Franja. **Cidade (in) formal a tríade espacial de Lefebvre na análise da informalidade no Bairro Cova da Moura**. 2022. 127 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Arquitetura) - Universidade de Coimbra, Coimbra, 2022.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito chave da geografia. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p-31-47.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 16-47.

DARÓZ, Carlos Roberto Carvalho. Le Grande Armée. **Revista do IGHMB**, v. 71, n. 99, p. 16-50, 2012.

DE ALMEIDA VAZ, Pâmela Augusto; CHAMMA, Rafael Pitanguy; ALVES, Maria de Fátima Malizia. Cólera. **ACTA MSM-Periódico da EMSM**, v. 6, n. 1, p. 46-58, 2018.

DE OLIVEIRA SILVA, Andrezza Karla; AB'SÁBER, Aziz Nacib. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. **Revista de Geografia (Recife)**, v. 29, n. 1, p. 252-258, 2012.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. **A história esquecida da Guerra do Paraguai: fome, doenças e penalidades**. Campo Grande: Editora UFMS, 2014.

ESSELIN, Paulo Marcos; FERNANDES, Luiz Henrique Ferreira. Os cento e cinquenta anos da Retirada da Laguna. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 153, n. 3, p. 50-66, 2017.

FERREIRA, Viviane; MORAIS, Pablo Lisandro Tavares dos Santos; REIS, Alessandro Guimarães; GUSMÃO, Dilvanir; NEVES, André dos Santos; VICTOR, Elis Cabral; BELFORT, Ilka Kassandra Pereira; BARROSO, Rodrigo Antonio; NETO, Pedro Martins Lima; SAMINESES, Selma Gomes. 14 anos após o surto de Beribéri no Maranhão: desafios da gestão pública em situações de emergência em saúde *In*: MOLIN, Rossano Dal Molin. **Saúde em foco: temas contemporâneos**. vol. 3. Guarjuá: Científica Digital, 2020.

GUIMARÃES, Acyr Vaz. **Seiscentas léguas a pé**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

HAESBAERT, Rogério da Costa. Da Desterritorialização à Multiterritorialidade. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. Universidade de São Paulo. 20 a 26 de março de 2005.

HARTSHORNE, Richard. A Natureza da Geografia: Uma Pesquisa Crítica do Pensamento Atual à Luz do Passado. *In*: **Anais da Associação de Geógrafos Americanos**, v. 29, n. 3-4, p. 173-658, 1939.

LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. Trad. D. Nicholson-Smith. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

LEITE, Emerson Figueiredo; BEREZUK, André Geraldo; SILVA, Charlei Aparecido da; CARVALHO, Elisângela Martins de. O relevo e o uso da terra da bacia hidrográfica do Rio Miranda, MS. *In*: LIMA, Tatiane do Nascimento; Rogério Rodrigues FARIA (Orgs.). **Ecótono Cerrado Pantanal: meio ambiente e história natural**. Campina Grande: Editora Amplla, 2021.

LIMA, Eduardo Henrique de Oliveira; SILVA, Evandro Dias da. Equipamentos culturais em Jardim-MS: por que valorizá-los? **GEOFRONTER**, Campo Grande, n. 5, v. 4, p. 21-50, 2019.

- MAGNOLI, Demétrio. **História das guerras**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- MARIN, Jérri Roberto; SQUINELO, Ana Paula. A ocupação paraguaia em Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 12, n. 2, p. 76-103, 2019.
- MARTINS, Alceu da Câmara. **Fatores climáticos e sistemas meteorológicos que atuam sobre o Brasil-uma revisão bibliográfica**. 42 f. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Meteorologia) – Departamento de Ciências Atmosféricas e Climáticas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2022.
- MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica**. v 3. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- MILAN, Elisana; MORO, Rosemeri Segecin. O conceito biogeográfico de ecótono. **Terr@ Plural**, v. 10, n. 1, p. 75-88, 2016.
- MUNIZ, Francisco Gerson Lima; CARACRISTI, Isorlanda. Análise da variação da temperatura e umidade no período de pré-estação chuvosa na cidade de Sobral/CE. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 17, p. e214101724780-e214101724780, 2021.
- PAULUCCI, Tales Bernardes. **Caracterização Espaço-Temporal de Descargas Atmosféricas e Tempestades Elétricas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro entre 2001 e 2016**. 2017. 73f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em de Meteorologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.
- QUEIROZ, Maria de Lourdes de. **A Hanseníase no estado de Mato Grosso**. 2009. 137 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2009.
- RESENDE, Emiko Kawakami. **Pulso de inundação: processo ecológico essencial à vida no Pantanal**. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2008.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social: texto integral**. Trad. Antônio P, Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Saraiva de bolso, 2011.
- REZENDE, Joffre Marcondes de. Epidemia, endemia, pandemia, epidemiologia. **Revista de Patologia Tropical / Journal of Tropical Pathology**, v. 27, n. 1, 1998.
- SANTOS, Bruno César Dos; SANCHES, Rafael Grecco; SILVA, Maurício Sanches Duarte; KAYANO, Thiago Youzi Kussaba; SOUZA, Paulo Henrique de; TECH, Adriano Rogério Bruno. Análise do efeito orográfico por meio da interpolação de índices climáticos. **Revista de Geografia-PPGEO-UFJF**, v. 8, n. 2, p. 114-132, 2018.
- SANTOS, Carlos. Território e territorialidade. **Zona de Impacto**, vol. 13, set./dez., ano 11, 2009.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed., 9. reimpr. São Paulo: Edusp, 2017.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SILVA, Maria Aparecida Juvito da. **Análise matemática de modelos epidemiológicos: SIR e SIS**. 2022. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciada em Matemática) –

Departamento de Matemática, Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

SILVA, Rafaela Martins. Seca e Doenças em Teresina: a Santa Casa De Misericórdia e a assistência médica aos pobres na cidade (1877-1915). (SYN) **THESIS**, v. 13, n. 2, p. 96-106, 2020.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO, I. et al. (org.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. **A Retirada da Laguna**. Tradução de Salvador de Mendonça. Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1874.

TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. 16 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2006.

TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. **Céos e terras do Brasil**. 7 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.

TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. **Em Matto Grosso invadido, 1866-1867**. São Paulo: Companhia Melhoramentos de S. Paulo (Weiszflog Irmãos), 1929.

VANACOR, Paula Lima. **Atores, escalas e produção do espaço: a atividade carbonífera em Candiota-RS**. 2020. 178 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

VIANNA, Lobo. **A Epopéia da Laguna**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1938.

VIEITES, Renato Guedes. **A influência de Maximilien Sorre e Vidal de La Blache na geografia médica de Josué de Castro**. 2008. 98 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Recebido em 15 de janeiro de 2024.

Aceito em 22 de março de 2024.

Publicado em 11 de abril de 2024.